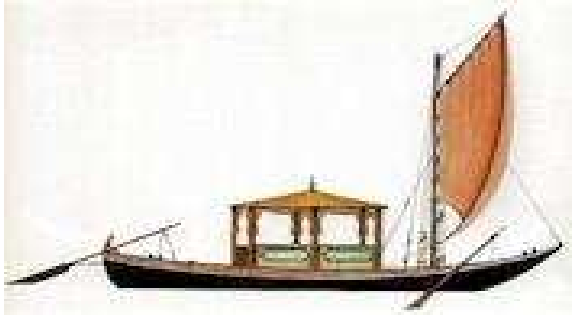


O Barco Valboeiro



Esta curiosa embarcação da zona de **Valbom** podia navegar tanto no rio como no mar. Apesar de serem usadas na pesca também faziam transporte de mercadorias e passageiros entre margens. Para protecção e conforto dos passageiros utilizavam um pequeno abrigo denominado de *camareta*. Conforme a sua utilização, quanto à carga chamavam-nos de *barco das padeiras* e *barco toucinheiras*.

das

Uma tripulação de 2 a 3 homens era o suficiente para governar esta embarcação de cerca 18 metros. Armavam uma pequena vela de carangueja num mastro bem avante e tal como os *Rabelos* tinham um remo de pá longo em vez de leme.

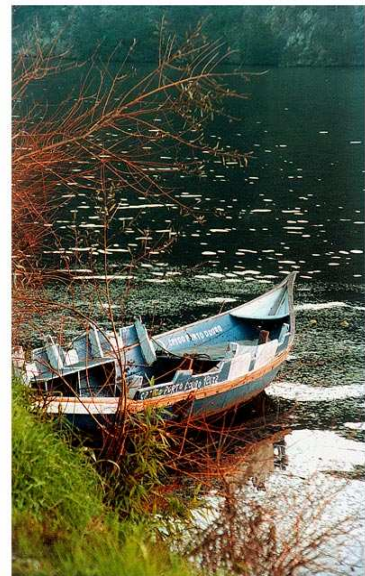
O fundo é constituído por uma única tábuia - a cal - é completada por uma ou duas tábuas já inclinadas, os fundos. Funciona como barco de pesca - o saveiro - barco de rio e mar ou barco de carga e transporte de passageiros.

Como saveiro era o barco utilizado na pesca do sável e media cerca de 6,8 metros. Podia ser, todavia, utilizado, também, como barco de carga. Adoptavam um sobrecéu quando se destinavam às padeiras de Avintes ou ao passeio ao longo do rio. Como barcos de passagem para a travessia entre Gondomar e Gaia, eram, por vezes, conduzidos pelas barqueiras e mediam cerca de 7,5 metros. Neste caso o rebordo falso é calafetado e munido de um resguardo para evitar a entrada da água. Podiam ter também coqueiro. Hoje, apenas, Pé-de-Moura, Esposade e Ribeira de Abade permanecem baluartes destes barcos.

Quem constrói estes barcos?

Para construir estes barcos havia artesãos especializados. Hoje, esta arte está a cair em desuso. No entanto, em Melres, o senhor Manuel Joaquim Moreira de Sousa, mais conhecido por Nelito do Sr. Albertino, actualmente com 43 anos, ainda faz Valboeiros ou outro tipo de barcos. Afirmo que esta actividade é financeiramente compensadora, por isso se admira de não haver quem queira aprendê-la. Talvez, porque hoje tudo é facilitado, já que ele como aprendiz tinha que ir de casa em casa à procura de trabalho e nada ganhava com isso. Hoje, tem o seu estaleiro em Vilarinho, Melres e apesar da tarefa trabalhosa, não tem mãos a medir.

Nesta arte notabilizou-se um outro artesão, Mestre Arnaldo, falecido já na casa dos oitenta anos. Arnaldo Pereira nasceu em Vilar do Andorinho, Vila Nova de Gaia, a nove de Março de 1911, numa família tradicionalmente construtora de barcos. O bisavô ensinou a arte ao avô e este ao pai que transmite o saber a Arnaldo. Assim, aos treze anos já ajudava o pai na construção de barcos. Com ele ia por Crestuma, Pombal, Lixa,



Barco Valboeiro
João Pais

Carvoeiro, Melres e até Entre-os-Rios. Aos dezoito anos construiu o primeiro Valboeiro. Estabeleceu-se em Melres a construir barcos e fez desta arte a sua ocupação até morrer. Participou em inúmeras feiras de artesanato a fim de dar a conhecer os barcos que saíam das suas mãos.

A pesca no rio Douro

A importância da pesca nesta região vem de tempos longínquos. Os Fenícios comercializavam o peixe salgado e os Romanos, a partir do séc. I I , a conserva de peixe - garum. Em tempos medievais os Senhores preocuparam-se em legislar sobre a cobrança de impostos sobre o pescado, como pode ser exemplificado no foral de Gondomar. Só em 1843 vão ser substituídos todos estes impostos de pesca devidos aos senhores pelo pagamento ao Estado de 6% dos lucros dos pescadores, que em 1928 passa para 8,3% do valor do pescado.

A preocupação de regradar a pesca do ponto de vista ecológico, vai, também, ser constante. Desde muito cedo, são redigidas leis nesse sentido. Por exemplo, os "Acórdãos da Câmara do Porto" de 1560 e 1561 estabelecem o tipo de malhas permitidas e proíbem certas redes (mossas e covãos nos meses de Março a Maio, excepto para os sáveis, bogas e tainhas e com redes varredouras, tresmalhos e galritos dobrados) bem como proíbem a poluição das águas com trovisco, barbasco, coca ou cal. No entanto, a provar que a prevaricação é constante o Decreto de 16 de Setembro de 1886 volta a proibir os mesmos métodos e redes. As penas consistiam em prisão de três a trinta dias e correspondente multa.

Quanto ao peixe pescado o foral de Gondomar refere a Lampreia, Sável, Solha e Irez (eiró - espécie de enguia). Hoje, ainda é possível pescar enguia, barbo, boga, escalo, tainha, mugem, ruivaca, alguma lampreia e sável.